

A CATÁSTROFE DA PÓS-MODERNIDADE

MANUEL BEZERRA NETO

Certamente, não poderia haver melhor argumentação para a ordem global do capitalismo senão, a partir de experiências abstratas e superficiais de sua dominação, criar novos conceitos e categorias que sejam capazes de escamotear de forma tautológica as consequências inevitáveis do desenvolvimento histórico fundado exclusivamente na produção de valores de troca. Quer dizer, a sociedade produtora de mercadorias, enfim, encontrou um excelente álibi para justificar seus fracassos e contradições estruturais, contrapondo ao conceito de modernidade – concepção, aliás, formulada por ela própria – no sentido de demonstrar a necessidade de deslocamento teórico provocado com a expansão do conhecimento científico de uma ordem natural divinizada para o domínio irrestrito das ações humanas conscientes guiadas, a partir de então, somente pela vontade racional do homem. Uma ideia que busca

desconstruir toda uma visão epistemológica sobre unidade e universalidade, pondo em seu lugar, por sua vez, termos tais como *indeterminação, fragmentação, particularismo e individualismo exacerbado*. Esta é a ideia precisa de *pós-moderno*, sem dúvida: um esforço tautológico de promover apenas um desvio teórico a respeito de tudo o que a própria sociedade capitalista prometera em termos de segurança, certeza epistemológica, unidade da realidade e bem-estar social para os indivíduos, mas que, ao perceber seu fracasso histórico, acabaria debitando a culpa tão somente a alguns princípios fundamentais, tão caros a ela própria, como *liberdade, razão e universalidade*, uma vez que, para consolidar sua hegemonia global, não poderia prescindir da necessidade de estender seus tentáculos a todos os domínios da existência, sob pena de admitir um inevitável fracasso.

Sob a ótica de uma aparente concepção, contraposta de forma radical a tudo o que até ontem era considerado moderno e progressista, é que devemos avaliar, não do ponto de vista ético ou moral, mas filosófica e politicamente, a forma como a sociedade capitalista vem se organizando tendo em vista não perder seu controle sobre todos os processos que dão sustentação objetiva à vida humana em sociedade. Para tanto, não basta admitir que o capitalismo modificou suas formas de organização da produção econômica. Temos, sobretudo, que considerar as consequências reais que essas modificações vêm provocando sobre as perspectivas – sombrias e incertas – da existência humana, perante um futuro cujas características inequívocas são as incertezas perceptíveis, a ausência de segurança – para os que vivem do trabalho – e a negação de uma lógica fundada na razão humana, que até ontem eram defendidas pelo próprio sistema. Sem dúvida, a nova lógica prevalecente é tão somente a do efêmero e do fragmentário, uma visão esquizofrênica em que só deve prevalecer a vontade individualista de um *sujeito* descentrado que não tem mais referenciais epistêmicos seguros e consistentes. Esse sujeito, agora, deve contentar-se apenas em estar apto a se submeter àquilo que é mais empírico e imediato; àquilo que tornou sua existência um puro espetáculo midiático.

Sociedade espetacular e pós-modernidade.

Devemos a Guy Debord o conceito de “sociedade do espetáculo”, não por acaso, porque fazia referência à forma particular como passou a se organizar o modo de produção capitalista após as graves crises econômicas desencadeadas pela sociedade produtora de valores de troca, desde início do século XX, e até o presente, ainda não superadas.

Se na época do liberalismo clássico de Smith e Stuart Mill o conceito de mercado parecia ser a receita virtuosa para os problemas econômicos gerados pelo capital, hoje, porém, mais do que nunca, tornou-se o cânone dogmático capaz, somente ele, “capaz de manter acesas as esperanças” daqueles que nunca, em sua existência concreta, encontraram nele a resposta palpável para seus problemas de sobrevivência. Por esta razão, conforme a opinião de Jameson, mercado “*tornou-se a um só tempo uma ideologia e um conjunto de problemas práticos institucionais*”, e aqui nos lembramos do Marx afirmou nos “*Grundrisse*”, desfazendo as esperanças dos acólitos de Proudhon, que procuravam desvencilhar-se dos problemas gerados pelo dinheiro simplesmente o abolindo. De forma similar acontece com a ideologia do mercado, cuja retórica tem sido o aspecto central e fundamental na luta ideológica pela deslegitimação dos discursos que não reconhecem sua importância como fator de solução dos problemas engendrados pelo próprio sistema de relações de troca. O que se percebe, afinal, é que todos, de passagem, acabam concordando – através do senso comum – o fato de que “nenhuma sociedade poderia funcionar eficientemente sem a presença do mercado”. Ou que, por outro lado, o sistema de relações de troca é um “inegável” fator de progresso para a sociedade, sem deixar de advertir, contudo, que essa é a proposição ideológica crucial de nossa época.

Na linha argumentativa da ideologia do mercado, o conceito de pós-modernidade tornou-se o elemento primordial para lhe oferecer *status* de legitimidade e fundamentação teórica, dado que ela também é uma construção teórica necessária para preencher o espaço deixado pelo conceito de *modernidade*, mas que, na verdade, não é só uma dominante cultural da ordem presente comandada pelo capital; a ideia de pós-moderno é tão somente o reflexo de mais uma das tantas modificações sistêmicas do próprio desenvolvimento do capitalismo. Sua proposta se volta mais para o fato de que qualquer investigação sobre o estado atual da realidade social pode apenas servir como sintoma inequívoco da lógica dominante imposta pelo capital. Vê-se em seu delírio de apelação para qualquer elemento – geralmente virtual – da época presente uma ânsia de querer provar que ela é um tempo singular radicalmente distinto de todas as experiências anteriores do gênero humano. Mas, realmente, o que percebemos é apenas um impulso patológico distintivo, como se nossa memória histórica estivesse exaurido, numa mera contemplação romântica e hipnótica perante um presente esfacelado e esquizofrênico, composto somente por ambiguidades, indeterminação e imprevisibilidade. Numa época como essa, falar-se de consciência ou de organização sistêmica denota apenas que esses conceitos tornaram-se anacrônicos e perderam sua

força epistemológica e, assim, seria mais aconselhável abordar o mundo apenas enquanto uma construção do discurso e não da *práxis* histórica da humanidade.

Devemos reconhecer, por conseguinte, que a única avaliação coerente e mais consistente do pós-modernismo nada mais é que um substituto ideológico das práticas clássicas das políticas radicais que orientaram as lutas entre as classes sociais, o Estado e as práticas revolucionárias que não tiveram como não dar uma nova configuração às relações sociais e políticas entre povos e nações na época moderna, ainda que, para a cultura pós-moderna dominante fosse preciso impor a qualquer custo um novo tipo de ideologia, libertária e niilista, que terminaria estigmatizando todas as experiências humanas calcadas numa racionalidade secular, mas que agora, se esvaziaram e perderam sentido ontológico, restando só o aparente e o efêmero de uma vida espetacular que se inebria apenas com seus próprios feitos fugazes, acreditando que isto representa efetivamente uma vida essencial.

Brejo Santo, agosto de 2015.